

PROLETARIADO E SINDICALISMO NA CONCEPÇÃO DE ANTON PANNEKOEK

*edmilson marques**

* Professor dos cursos de história e economia da Universidade Estadual de Goiás. Doutorando em história pela Universidade Federal de Goiás.

O proletariado de todo mundo convive com diversas questões que lhe proporciona descontentamento na sociedade. A relação de opressão e exploração estabelecida no seu local de trabalho desponta como a questão principal; é onde diariamente despende um determinado tempo para se dedicar à produção, ao trabalho alienado, penoso e desgastante, em busca de um salário que lhe possibilite a sobrevivência. Com o passar dos anos, depois de muito tempo despendido e muito trabalho realizado, percebeu que a sua situação continuou a mesma, enquanto a de seu patrão alterou-se consideravelmente, ficou mais rico e mais poderoso diante dele. Em determinados períodos, o descontentamento com a forma de trabalho estabelecido no capitalismo provoca uma reação inesperada dos trabalhadores que se levantam diante dos capitalistas exigindo destes melhores salários, jornadas de trabalho mais curtas e melhores condições de trabalho.

Com o desenvolvimento do capitalismo e perante a história da relação do proletariado com os capitalistas, as classes exploradas perceberam que aquelas exigências (melhores salários, jornadas mais curtas de trabalho e melhores condições de trabalho) embora sejam uma forma de luta contra o capitalismo, acabam sendo um limite intransponível da situação de classe que a mantém como classe explorada nesta sociedade, caso mantenha estes como únicos objetivos a serem atingidos. É quando tomam para si a tarefa fundamental de se unirem e lutarem pela transformação do modo de produção capitalista, da sociedade capitalista, no sentido de colocar em seu lugar um modo de produção gerido pelos próprios trabalhadores, objetivando criar assim a sociedade autogerida por eles mesmos, e não mais, lutarem somente pelo

salário, jornadas mais curtas de trabalho e melhores condições de trabalho, mas sim, pelo fim do salário, o fim da jornada de trabalho estabelecida pelo capital e o fim do trabalho estabelecido no modo de produção capitalista.

É através da luta travada contra os capitalistas que a classe operária descobriu as várias formas de organização que lhe serviram de instrumento fundamental para alcançar seus fins. E foi em consequência disso, principalmente em períodos onde esta luta toma um caráter radical e mais claro, quanto à determinação fundamental que a faz emergir, que despontam os teóricos que sistematizaram o processo de avanços e recuos da luta do proletariado e evidenciam o caráter das organizações que surgiram.

Durante a segunda metade do século XIX, Marx e Engels se encarregaram de dedicar aos estudos e reflexões do movimento operário e sistematizá-los para servirem de instrumentos de luta para o proletariado. Depois destes, outros surgiram e seus escritos (de Marx e Engels) se tornaram fundamentais para o avanço teórico do que veio a ser produzido posteriormente a eles. Mas foi acompanhando o desenvolvimento do capitalismo e da luta do proletariado que ocorreu, concomitantemente, o avanço da luta no campo da teoria. Este é o caso da teoria desenvolvida por Anton Pannekoek.

Paul Mattick, seu principal biógrafo, expressou que “a vida de Anton Pannekoek coincide quase inteiramente com a história do movimento operário”. Outros observaram que ele foi um dos principais teóricos revolucionários do século XX. Concordando com estas concepções que apontam a importância das reflexões e o pensamento de Pannekoek para o movimento operário que buscaremos compreender a sua concepção sobre qual a importância dos sindicatos para a luta do proletariado, já que perdura até os dias atuais a idéia de que esta organização representa de fato os interesses das classes exploradas.

Para Pannekoek, o sindicato surge como consequência da luta da

classe proletária, criado para ser o seu instrumento de luta contra os capitalistas, que no seu conjunto enquanto classe é quem mantém o estado de coisas e a exploração existente no capitalismo. A reivindicação de melhores salários, jornadas de trabalho mais curtas e melhores condições de trabalho levou o movimento operário a avançar sobre o capital e exigir deste a efetivação de suas reivindicações. A greve foi a resposta imediata e espontânea proveniente desta reivindicação, e fundamentalmente, o meio, enfim, encontrado pelos trabalhadores para a sua união, para o enfraquecimento do capital, e o meio pelo qual deverá utilizar para colocar fim a esta sociedade criada à imagem e semelhança da burguesia, o capitalismo.

Pannekoek coloca que

Da greve nasce a solidariedade, o sentimento de fraternidade entre camaradas de trabalho o sentimento de união com toda a classe: é a primeira aurora do que será, um dia, o sol da nova sociedade. A ajuda mútua, aparecendo primeiro sob a forma de coletas espontâneas e benévolas, cedo toma a forma durável dum sindicato (PANNEKOEK, 2007, p. 115).

Marx (1981, p. 09) já havia expressado concepção semelhante quando colocou que “os operários se unem para se colocarem em igualdade de condições com o capitalista para o contrato de venda de seu trabalho. Está é a razão (a base lógica) dos sindicatos”.

Como colocamos anteriormente, Pannekoek percebe que os sindicatos surgem como instrumentos de luta da classe operária contra os seus exploradores. Nesse sentido, “os sindicatos revolucionários são o produto do período histórico do pequeno capital, onde os oligopólios ainda não haviam se formado, onde o estado ainda não regularizava a organização sindical etc.” (PANNEKOEK, Apud, MAIA, 2010, p. 31).

O século 19 marca a sua investida sobre o capital e o sindicalismo emerge como resposta à exploração.

Segundo Pannekoek,

Os trabalhadores tiveram de lutar a maior parte do tempo por si mesmos, para que as condições de desenvolvimento do sindicalismo fossem garantidas. Na Inglaterra, foi a campanha revolucionária do cartismo; na Alemanha, meio século mais tarde, a luta da social-democracia, que, impondo o reconhecimento dos direitos sociais dos trabalhadores, lançaram as bases do desenvolvimento dos sindicatos. [...] os trabalhadores já não são mais indivíduos impotentes, obrigados pela fome a vender a sua força de trabalho não importa por que preço. Estão agora protegidos pela força da sua própria solidariedade e cooperação, porque cada sindicalizado não só dá uma parte do seu salário para os seus camaradas, como está pronto a arriscar o seu próprio emprego, na defesa da organização e da comunidade sindical (PANNEKOEK, 2007, p. 115).

Mas Pannekoek percebe que o sindicalismo não consegue por fim à exploração capitalista, à sociedade capitalista. Abolem os piores abusos de exploração e estabelece uma normalização do capitalismo, ou seja, cria normas para a exploração a qual constringe a classe trabalhadora a aceitar o seu estado de explorado e a manutenção e reprodução do capitalismo. Assim, estabelece uma norma para os salários, exigindo que os capitalistas paguem o mínimo necessário para manter as necessidades vitais dos trabalhadores para evitar que sejam empurrados para a fome, para o desespero de procurar por eles próprios e com suas

próprias mãos, resolver os problemas que lhes afligem. Estabelece uma norma para a jornada de trabalho, evitando que os trabalhadores sejam explorados a tal ponto que esgotem suas forças e ainda reservem energia para continuar disposto ao trabalho.

Pannekoek observa ainda que a burocracia estatal, com sua esperteza em criar estratégias para a reprodução do capital, cria uma regulamentação (leis trabalhistas, legislação sindical etc.) que domesticam a organização sindical, transformando-os em mais um órgão para o controle da classe operária.

Nesse sentido ele expressa que

Alguns patrões menos espertos não compreendem isto, mas os seus chefes políticos, mais avisados, sabem muito bem que os sindicatos são um elemento essencial ao capitalismo, e que, sem esta força reguladora que são os sindicatos operários, o poder capitalista não seria completo (PANNEKOEK, 2007, p. 117).

Assim, de instrumento de luta do proletariado contra o capitalismo, os sindicatos são transformados em órgãos do capitalismo para a exploração e controle dos trabalhadores. A partir daí, os próprios capitalistas começam a se organizar em sindicatos patronais.

Pannekoek ressalta que o dinheiro que os sindicatos operários gastam nas greves não se torna páreo contra o poder gigantesco dos sindicatos patronais. Os sindicatos operários começam a temer a luta contra os capitalistas, e para evitar que estes cessem de lhes repassar o dinheiro que os mantêm, fazem concessão e sucumbem ao seu poder. Pannekoek (2007) ressalta que “nas negociações, os delegados têm muitas vezes que aceitar uma degradação das condições de vida para evitar a luta”.

O proletariado, por sua vez, insiste na luta, sabe que só através dela poderá atingir a liberdade, o fim da exploração sofrida no

capitalismo onde é arrancada a sua força de trabalho da qual emerge todo o poder do capital. Inicia então, um desentendimento e conflito entre a classe explorada e os dirigentes sindicais. Estes últimos passam a frear aqueles temendo a reação capitalista, com o objetivo de manter seus privilégios. Aqueles primeiros percebem a direção sindical não mais como órgão de expressão de sua luta, mas sim, um órgão capitalista, a burocracia sindical, um inimigo que desde então, deve ser destruído para alcançar a sua libertação.

Pannekoek coloca que

Estes burocratas sindicais, especialistas, preparam e organizam todas as atividades; ocupam-se das finanças e dispõem do dinheiro em todas as ocasiões; publicam a imprensa sindical, graças a qual podem difundir e impor as suas próprias idéias e pontos de vista pessoais aos restantes filiados (PANNEKOEK, 2007, p. 118).

O autor ainda observa que os sindicatos se transformam cada vez mais em gigantescas organizações, cuja estrutura interna expressa a mesma organização interna do estado, com um corpo burocrático estabelecido em divisões hierárquicas tendo à frente aqueles que decidem e falam por seus subordinados. Não mais tomam decisões levando em consideração as preocupações e problemas inerentes às classes exploradas, mas decidem por eles tendo como referências seus interesses pessoais respeitando a lógica capitalista com a preocupação de não contrariar o patrão nem mesmo o estado, pois, se assim o fizer, corre-se o risco de perder seus privilégios e ser encarado como inimigo. Nesse sentido, prefere a amizade com o capitalista, com o estado, e a inimizade com as classes exploradas.

O sindicalismo, portanto,

Não é uma força proletária e os sindicatos não são organizações operárias e sim burocráticas, neste sentido não é meio nem apoio para a transformação social e muito menos são as instituições da futura sociedade comunista, como pregam anarco-sindicalistas e sindicalistas revolucionários. São instituições burguesas que agrupam mais uma fração da classe social burocrática, a burocracia sindical (VIANA, 2008, p. 64).

Essa transformação essencial que ocorre com a organização sindical tornou-se clara em períodos que a classe trabalhadora avançou sobre o capital, nos momentos de luta acirrada e aberta; períodos que o proletariado coloca em uso seus instrumentos de luta, suas armas; momento também que descobre novas formas e meios de luta e ao mesmo tempo, percebe quais instrumentos já criados ainda serviam para serem utilizados e quais deveriam ser inutilizados. É neste momento que percebe que os sindicatos não mais faziam parte de sua luta e que deveriam ser desprezados como arma da classe trabalhadora, já que se tornou arma da burguesia. Para Pannekoek:

Com o aparecimento da revolução, assim que o proletariado, de membro da sociedade capitalista passa a seu destruidor, o sindicato entra em conflito com o proletariado. O sindicato torna-se legalista, sustentáculo declarado do estado e por ele reconhecido, ou então avança com a palavra de ordem a "reconstrução da economia antes da revolução" quer dizer manutenção do capitalismo (PANNEKOEK, 2010a, p. 01).

A aproximação entre sindicato e estado vai se estreitando de tal forma que a partir de determinado período da sua história não mais é possível perceber diferenças entre organizações sindicais e estado.

A sua forma interna se apresenta como equivalente. Ambos se unem na busca pela manutenção da luta de classes e reprodução do capital. A burocracia partidária se torna presente nas organizações sindicais e estas em determinados momentos se confundem com o próprio partido. Muitos dirigentes sindicais passam a integrar partidos políticos, e seus objetivos passam a ser a luta pelo poder do estado. Isso fica claro quando em momentos de greve, os dirigentes sindicais se aliam à burocracia partidária e em muitos casos aparecem de mãos dadas publicamente em palanques e mesmo nos bastidores das negociações entre grevistas e seus patrões ou entre grevistas e burocracia.

Com isso, todas aquelas reivindicações realizadas pelo sindicato na sua origem – aumento de salário, diminuição da jornada de trabalho e melhorias no trabalho – é revertida no seu contrário; a posição do sindicato na sociedade mudou de lado e suas reivindicações são realizadas tendo em vista os interesses do lado que agora representa, o lado da burguesia. Segundo Pannekoek:

Os chefes das organizações [sindicais], pela força e pela mentira impõem aos trabalhadores o trabalho à peça e o aumento do horário de trabalho: astuciosamente refinado na Inglaterra, onde esta burocracia sindical – da mesma maneira que o governo – dá a impressão de deixar levar contra a sua vontade pelos trabalhadores, enquanto na realidade sabota as suas reivindicações (PANNEKOEK, 2010a, p. 02).

Pannekoek ainda observa que não é alterando o quadro de funcionários e dirigentes dos sindicatos que a sua força contra-revolucionária pode ser enfraquecida e destruída. Isso quer dizer

que a sua essência burocrática, a de representante do capital, não cessará de existir. A falsa proximidade dos dirigentes sindicais com movimentos grevistas se dá por uma questão simples: é preciso garantir o apoio de determinadas frações da classe trabalhadora para continuar sendo o intermediador da sua luta, conseqüentemente, para continuar tendo a primazia de frear o avanço dos trabalhadores e impedi-los de desencadear uma luta aberta e direta com os patrões e o estado.

Os sindicatos se convertem em instrumentos de mediação entre capitalistas e trabalhadores; fazem acordos com os patrões que intencionam os impor aos trabalhadores que resistem. Os chefes aspiram a converter-se em uma parte reconhecida do aparato de poder do capital e o estado que dominam a classe trabalhadora; os sindicatos se convertem em instrumentos do capital monopolista, por intermédio dos quais ditam suas condições aos trabalhadores (PANNEKOEK, 2010b, p. 4).

Nesse sentido, portanto, sem o apoio de uma fração da classe trabalhadora (as mais conservadoras e limitadas em termos de percepção da posição do sindicato), as assembléias e negociações realizadas pelo sindicato em momentos de acirramento da luta são desacreditadas e perdem sua eficácia; sua posição se torna clara diante dos olhos dos trabalhadores, que são constrangidos à cegueira pelos ideólogos da burguesia. Enquanto recebe este apoio consegue uma certa garantia na continuação de sua atividade de intermediar a relação entre capitalistas e a classe trabalhadora, já que, se não o tivesse, seria facilmente deixado de lado numa greve.

Acontece que o proletariado revolucionário foi percebendo no processo de luta esta faceta conservadora dos sindicatos e está

claro que num momento de luta aberta, num período revolucionário, terão que lutar e vencer o próprio sindicato. Pannekoek esclarece esta questão quando afirma que:

A revolução só pode vencer destruindo tal organização, transformando por assim dizer radicalmente a forma da organização, para construir qualquer coisa radicalmente nova: o sistema dos Conselhos. A sua instauração é capaz de extirpar e de eliminar não somente a burocracia estatal, mas também a dos sindicatos. [...] portanto, deve ser substituída por uma outra forma que é revolucionária na medida em que permite aos trabalhadores decidir activamente por si mesmo sobre tudo (PANNEKOEK, 2010a, p. 02).

O proletariado foi tomando consciência, portanto, que a libertação dos grilhões capitalistas só pode ser fruto de sua própria luta, tomando em suas mãos as decisões e o caminho a seguir, mantendo em suas mãos a direção da sua própria luta.

Que pretende dizer com: “manter inteiramente nas suas mãos a direção da sua própria luta” (ou, se preferirmos, dirigir eles próprios os seus assuntos)? Deve entender-se que toda a iniciativa e decisão emanam dos próprios trabalhadores (PANNEKOEK, 2007, p. 122).

Para Pannekoek, o proletariado descobriu através de suas lutas outras organizações que superaram e expressam de fato os seus interesses, e estas só foram descobertas pela necessidade de um instrumento de luta eficaz num momento em que o inimigo se colocava em sua frente impedindo-o de avançar; momento em que não poderia retroceder na luta e seguir lutando e avançando com o

objetivo de superação da exploração e controle que é submetido pelos capitalistas. Portanto, toda forma de organização que não permita aos trabalhadores:

Dominar e dirigir o seu próprio rumo é nociva e contra-revolucionária; por esta razão ela deve ser substituída por uma outra forma de organização que seja revolucionária, por permitir aos próprios operários decidir ativamente sobre todos os problemas (PANNEKOEK, apud GORTER, 1981, p. 31).

Surgem, portanto, os comitês de greve, conselhos de fábrica, de bairro etc., milícias e outras formas de organizações, através das quais emergem os conselhos operários, órgão desenvolvido pelo proletariado que expressa, além de sua capacidade organizacional e criativa, que os sindicatos foram superados e não mais são os instrumentos que lhe possibilite lutar contra o capitalismo.

Enfim, Pannekoek oferece uma ampla, profunda e clara reflexão que nos possibilita perceber a face oculta existente em torno dos sindicatos na atualidade. A partir da sua concepção, observa-se a existência de uma ideologia sindical, através da qual reproduz a idéia de que os sindicatos continuam sendo a expressão mais eficaz da luta dos trabalhadores, e estes devem respeitar e agir conforme suas propostas e determinações. Pannekoek ainda oferece elementos que possibilitam o avanço do movimento operário, quando deixa claro que num momento de radicalização da luta, os trabalhadores deverão avançar e romper com as organizações sindicais, caso queiram de fato atingir seus objetivos, e não deixar que a sua luta seja controlada e dirigida pelos dirigentes sindicais, já que estes representam o interesse do capital.

Pannekoek é, portanto, um importante pensador representante de uma concepção que integrando a história da luta do proletariado

demonstrou de fato estar teoricamente expressando os interesses das classes exploradas; desenvolveu a teoria dos conselhos operários e possibilitou o avanço teórico esclarecendo a face conservadora e contra-revolucionária dos sindicatos.

referencial

GORTER, Herman. Carta Aberta ao Companheiro Lênin. In: TRAGTENBERG, Maurício. **Marxismo Heterodoxo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MAIA, Lucas. **Comunismo de Conselhos e Autogestão Social**. Pará de Minas: Virtualbooks, 2010.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Sindicalismo**. São Paulo: Ched, 1980.

PANNEKOEK, Anton. **A Revolução dos Trabalhadores**. Santa Catarina: Barba Ruiva, 2007.

PANNEKOEK, Anton. **A Força Contra-Revolucionária dos Sindicatos!**. Disponível em <http://dominiopublico.qprocura.com.br/dp/667/a-forca-contra-revolucionaria-dos-sindicatos.html>, acesso realizado em 21 de dezembro de 2010a.

PANNEKOEK, Anton. **Tesis Sobre La Lucha de La Clase Obrera Contra el Capitalismo**. Disponível em <http://www.left-dis.nl/e/tesis.htm>, acesso realizado em 21 de dezembro de 2010b.

VIANA, Nildo. **Manifesto Autogestionário**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2008.ntamento@yahoo.com.br